

EPISTEMOLOGIA INTEGRAL

Ken Wilber e Corey de Vos

12 de maio de 2021

Tradução de Ari Raynsford (www.ariraynsford.com.br)

Revisão de Aline Setti

"A Metafísica é geralmente tida como o ramo da Filosofia que lida com questões de Ontologia (o que é o ser ou a realidade?) e Epistemologia (como conhecemos o ser ou a realidade?). O termo foi usado pela primeira vez, com destaque, pelos discípulos de Aristóteles em um livro que chamaram de Metafísica, simplesmente porque foi escrito depois do seu livro sobre Física. Esse é um motivo tão bom quanto qualquer outro, eu suponho.

Se a Metafísica começou com Aristóteles, acabou com Kant. Ou, de alguma forma, tomou um rumo que definiu a maneira como os filósofos sofisticados pensam sobre a realidade desde então. A Filosofia Crítica de Kant substituiu objetos ontológicos por estruturas do sujeito. Em essência, isso significa que não percebemos objetos empíricos de uma forma completamente realista e pré-determinada; ao contrário, as estruturas do sujeito conhecedor conferem várias características ao objeto conhecido que, então, parecem pertencer ao objeto – mas, na verdade, não pertencem; são, antes, cocriações do sujeito conhecedor. Várias categorias *a priori* do sujeito conhecedor ajudam a moldar ou construir a realidade como a conhecemos. A realidade não é uma percepção, mas uma concepção; pelo menos em parte. A Ontologia por si só não existe. A Metafísica é, assim, um nome abrangente para o tipo de pensamento que não consegue perceber isso. Ou, a Metafísica é o pensamento que é vítima do Mito do Dado.

O que isso significa para a Espiritualidade em geral é que a Metafísica precisa ser descartada ou, pelo menos, completamente repensada. Todas as categorias tradicionais da Metafísica – incluindo Deus, imortalidade, alma, mente, corpo e conhecimento – simplesmente não conseguem resistir ao escrutínio do pensamento crítico, não em suas formas ontológicas fundamentais, pré-críticas.

No mundo moderno e pós-moderno, elas são simplesmente conceitos obsoletos tão embaraçosos para a Religião quanto, digamos, o flogisto, a dança de São Vito e a frenologia são para a Medicina."

Ken Wilber, *Espiritualidade Integral*

1. O que é Epistemologia?

Como conhecemos as coisas? Como todos os grandes dilemas filosóficos, esta é uma questão fundamentalmente simples que pode nos levar a uma série interminável de elucubrações sobre o ovo e a galinha, sobre a natureza da existência (Ontologia) versus a natureza do conhecimento (Epistemologia). E é um tópico urgentemente relevante para o mundo de hoje, para a nossa compreensão dos eventos atuais e para nossas várias estratégias e processos de criação de sentido.

Isso é particularmente verdadeiro nessa era da mídia social. Sempre aconteceu de termos múltiplas epistemologias conflitantes, mas até recentemente, em geral vivíamos em um espaço de mídia muito mais selecionado. Contávamos com árbitros informacionais que impunham certas epistemologias sobre outras (para melhor e/ou para pior). Mas agora a civilização está operando em plataformas de mídia totalmente pós-modernas, sem nenhum mecanismo embutido de curadoria ou envolvimento, onde todos, com um *smartphone*, tanto podem contribuir para, quanto corromper, nosso senso de realidade compartilhada.

Hoje somos curadores de nossos próprios terrenos informacionais. Nossos hábitos de mídia *on-line* rapidamente se tornam silos epistêmicos, reforçados a cada clique pelos algoritmos ocultos do *Google*, *Facebook*, *Youtube*, etc. Isso resultou no total colapso epistêmico em que nos encontramos agora, dando origem a tudo, desde Terraplanistas até conspirações delirantes do *QAnon* – todos produtos de epistemologias degradadas. Ironicamente, pode ser que a sugestão "faça sua pesquisa" esteja provocando a morte do conhecimento.

É por isso que essa discussão sobre Epistemologia é tão importante. Não se trata de escolas de filosofia enfadonhas a serem discutidas em salas de aula – todos nós estamos andando por aí com nossas epistemologias pessoais que usamos para dar sentido ao mundo, de forma consciente ou inconsciente. E essas epistemologias pessoais são, pelo menos parcialmente, instruídas pelas principais escolas de pensamento – frequentemente herdadas em suas linhas gerais, mas montadas de forma inconsistente e idiossincrática – bem como por uma quantidade de formas

pré-rationais de criação de sentido. A esperança aqui é que, compreendendo e aplicando melhor todas essas diferentes lentes epistemológicas, possamos alcançar uma visão muito mais abrangente e integral, ao mesmo tempo que trazemos mais consciência para nossos pressupostos epistemológicos, preconceitos e pontos cegos.

Em sua essência, o choque de civilizações é um choque de reivindicações da verdade – um choque de epistemologias – que piorou com nossa atual crise e colapso epistemológico. Loucura aperspectiva, como gostamos de dizer.

Nesta fascinante conversa com Ken Wilber, damos uma olhada em uma dúzia das mais populares escolas de pensamento epistemológico – Idealismo, Pragmatismo, Empirismo, Construtivismo, etc. – observando suas respectivas contribuições e limitações, e como elas podem ser condensadas em uma Epistemologia mais Integral, que possa nos ajudar a dar o próximo passo para sair da loucura aperspectiva em que estamos imersos atualmente.

2. Empirismo

O Empirismo é uma visão da Teoria do Conhecimento que enfoca o papel do experimento, especialmente o experimento baseado em observações captadas pelos sentidos, na geração de conhecimento. Certas formas isentam disciplinas como a Matemática e a Lógica desses requisitos.

Existem muitas variantes do Empirismo, incluindo o Empirismo Britânico, o Empirismo Lógico, o Fenomenalismo e algumas versões da Filosofia de senso comum. A maioria das formas de Empirismo confere status epistemologicamente privilegiado às impressões sensoriais ou aos dados dos sentidos, embora isso ocorra de maneira muito diferente em casos diferentes.

Alguns dos Empiristas históricos mais famosos são John Locke, David Hume, George Berkeley, Francis Bacon, John Stuart Mill, Rudolf Carnap e Bertrand Russell.

3. Racionalismo

O Racionalismo é a visão epistemológica de que a razão é a fonte essencial de conhecimento e o principal determinante do que constitui o conhecimento. De forma mais ampla, também pode se referir a qualquer visão que apela à razão como fonte de conhecimento ou de justificação.

O Racionalismo é uma das duas visões clássicas da Epistemologia, sendo a outra o Empirismo. Os Racionalistas afirmam que a mente, por meio do uso da razão, consegue apreender diretamente certas verdades em diversos domínios, incluindo a Lógica, a Matemática, a Ética e a Metafísica. As visões racionalistas podem variar de visões modestas em Matemática e Lógica (como a de Gottlob Frege) até sistemas metafísicos ambiciosos (como o de Baruch Spinoza).

Alguns dos Racionalistas mais famosos são Platão, René Descartes, Baruch Spinoza e Gottfried Leibniz.

4. Ceticismo

O Ceticismo é uma postura que questiona a possibilidade do conhecimento humano, tanto em domínios particulares quanto em um nível geral. O Ceticismo não se refere a nenhuma escola específica de Filosofia, mas sim a uma linha que transpassa muitos debates epistemológicos. O Ceticismo Grego Antigo começou durante o Período Helenístico da Filosofia, apresentando tanto o Pirronismo (notavelmente defendido por Pirro de Élis e Sexto Empírico) quanto o Ceticismo Acadêmico (notavelmente defendido por Arcesilau e Carnéades). Entre os antigos filósofos indianos, o Ceticismo foi notavelmente defendido pela escola Ajñana e pela tradição budista Madhyamika. Na Filosofia Moderna, a famosa investigação de René Descartes sobre mente e corpo começou como um exercício de ceticismo, no qual ele partiu de uma tentativa de duvidar de todos os supostos casos de conhecimento a fim de buscar algo que fosse conhecido com certeza absoluta.

5. Pragmatismo

O Pragmatismo é uma epistemologia empirista formulada por Charles Sanders Peirce, William James e John Dewey, que entende a verdade como aquilo que é praticamente aplicável no mundo. Os Pragmatistas em geral tratam a "verdade" como o resultado final da investigação científica ideal, significando que algo não pode ser verdadeiro a menos que seja potencialmente observável. Peirce formula a máxima: "Considerando quais efeitos podem, presumivelmente, ter consequências práticas, concebemos o que o objeto de nossa concepção tem. Portanto, nossa concepção desses efeitos é a totalidade da nossa concepção do objeto." Tal máxima sugere que devemos analisar ideias e objetos no mundo por seu valor prático. Ela contrasta com qualquer teoria da verdade por correspondência, que sustenta que o que é verdadeiro é o que corresponde a uma

realidade externa. William James sugere que, por meio de uma epistemologia pragmatista, teorias "se tornam instrumentos, não respostas a enigmas nos quais estamos encerrados".

Versões contemporâneas do Pragmatismo foram desenvolvidas mais notavelmente por Richard Rorty e Hilary Putnam. Rorty propôs que valores eram historicamente contingentes e dependentes de sua utilidade no âmbito de um determinado período histórico. Filósofos contemporâneos que trabalham com o Pragmatismo são chamados de Neopragmatistas e também incluem Nicholas Rescher, Robert Brandom, Susan Haack e Cornel West.

6. Epistemologia Naturalizada/Evolucionária

Em certos aspectos, uma descendente intelectual do Pragmatismo, a Epistemologia Naturalizada considera o papel evolucionário do conhecimento para os agentes que vivem e evoluem no mundo. Ela tira a ênfase das questões em torno da justificação e da verdade e, em vez disso, pergunta, empiricamente, como crenças confiáveis são formadas e o papel que a evolução desempenhou no desenvolvimento de tais processos. Ela sugere uma abordagem mais empírica do sujeito como um todo, deixando para trás definições filosóficas e argumentos de consistência. Ao invés, usa métodos psicológicos para estudar e compreender como o "conhecimento" é realmente formado e usado no mundo natural. Como tal, não tenta responder a questões analíticas da Epistemologia tradicional, mas sim substituí-las por novas questões empíricas.

A Epistemologia Naturalizada foi proposta pela primeira vez em "Epistemology Naturalized", um artigo seminal de W.V.O. Quine. Uma visão menos radical é defendida por Hilary Kornblith no livro *Knowledge and its Place in Nature*, no qual ela busca direcionar a Epistemologia para a investigação empírica, sem abandonar completamente os conceitos epistêmicos tradicionais.

7. Epistemologia Feminista

A Epistemologia Feminista aplica a Teoria Feminista a questões epistemológicas. Ela começou a emergir como um subcampo distinto no século XX. Proeminentes epistemólogas feministas incluem Miranda Fricker (que desenvolveu o conceito de injustiça epistêmica), Donna Haraway (que primeiro propôs o conceito de conhecimento situado), Sandra Harding e Elizabeth Anderson. Harding propõe que a Epistemologia Feminista pode ser dividida em três categorias

distintas: Empirismo Feminista, Epistemologia de Opinião e Epistemologia Pós-moderna.

A Epistemologia Feminista também desempenha um papel significativo no desenvolvimento de muitos debates da Epistemologia Social.

8. Relativismo e Construtivismo

O Relativismo Epistêmico é a visão de que o que é verdadeiro, racional ou justificado para uma pessoa não precisa ser verdadeiro, racional ou justificado para outra. Os relativistas epistêmicos, portanto, afirmam que, embora existam fatos relativos sobre verdade, racionalidade, justificação e assim por diante, não há nenhum fato independente da perspectiva da questão. Observe que isso é diferente do Contextualismo Epistêmico, que sustenta que o significado dos termos epistêmicos variam entre os contextos (por exemplo, "eu sei" pode significar algo diferente em contextos cotidianos e contextos céticos). Em contraste, o Relativismo Epistêmico sustenta que os fatos relevantes variam, não apenas o significado linguístico. O relativismo sobre a verdade também pode ser uma forma de Relativismo Ontológico, na medida em que os relativistas sobre a verdade sustentam que os fatos sobre o que existe variam com base na perspectiva.

O Construtivismo é uma visão da Filosofia segundo a qual todo "conhecimento é uma compilação de construções feitas pelo homem, não a descoberta neutra de uma verdade objetiva". Enquanto o Objetivismo se preocupa com o "objeto do nosso conhecimento", o Construtivismo enfatiza "como construímos o conhecimento". O Construtivismo propõe novas definições para conhecimento e verdade, que enfatizam a intersubjetividade ao invés da objetividade e a viabilidade ao invés da verdade. O ponto de vista construtivista é, em muitos aspectos, comparável a certas formas de Pragmatismo.

9. Idealismo

Idealismo é um termo amplo que se refere tanto a uma visão ontológica sobre o mundo ser, em certo sentido, dependente da mente, quanto a uma visão epistemológica correspondente de que tudo o que sabemos pode ser reduzido a fenômenos mentais. Antes de mais nada, "idealismo" é uma doutrina metafísica. Como doutrina epistemológica, o Idealismo compartilha muito do Empirismo e do Racionalismo. Alguns dos empiristas mais famosos foram classificados como idealistas (particularmente Berkeley), mas o subjetivismo inerente ao Idealismo

também se assemelha ao de Descartes em muitos aspectos. Muitos idealistas acreditam que o conhecimento é principalmente (pelo menos em algumas áreas) adquirido por processos *a priori*, ou que é inato – por exemplo, na forma de conceitos não derivados da experiência. Os conceitos teóricos relevantes podem ser, supostamente, parte da estrutura da mente humana (como na teoria do Idealismo Transcendental de Kant), ou pode-se dizer que existem independentemente da mente (como na Teoria das Formas de Platão).

Algumas das formas mais famosas de Idealismo são o Idealismo Transcendental (desenvolvido por Immanuel Kant), o Idealismo Subjetivo (desenvolvido por George Berkeley) e o Idealismo Absoluto (desenvolvido por Georg Wilhelm Friedrich Hegel e Friedrich Schelling).

10. Epistemologia Bayesiana

A Epistemologia Bayesiana é uma abordagem formal para vários tópicos da Epistemologia que tem suas raízes no trabalho de Thomas Bayes no campo da Teoria da Probabilidade. Uma vantagem de seu método formal em contraste com a epistemologia tradicional é que seus conceitos e teoremas podem ser definidos com um alto grau de precisão. Baseia-se na ideia de que crenças podem ser interpretadas como probabilidades subjetivas. Como tal, elas estão sujeitas às leis da Teoria da Probabilidade, que atuam como normas de racionalidade. Essas normas podem ser divididas em restrições estáticas, governando a racionalidade de crenças a qualquer momento, e restrições dinâmicas, governando como os agentes racionais devem mudar suas crenças ao receberem novas evidências. A expressão bayesiana mais característica desses princípios é encontrada na forma do Teorema do Livro Holandês, que ilustra a irracionalidade em agentes por meio de uma série de apostas que levam a uma perda para o agente, não importando qual dos eventos probabilísticos ocorra. Os bayesianos aplicaram esses princípios fundamentais a vários tópicos epistemológicos, mas o Bayesianismo não cobre todos os tópicos da Epistemologia tradicional.

11. *Pramana* Indiano

Escolas de filosofia indianas, como as escolas hindus Nyaya e Carvaka, e as escolas filosóficas jainistas e budistas desenvolveram uma tradição epistemológica independente da tradição filosófica ocidental chamada "*pramana*". *Pramana* pode ser traduzido como "instrumento de conhecimento" e se refere a vários meios ou

fontes de conhecimento que os filósofos indianos consideravam confiáveis. Cada escola de filosofia indiana tinha suas próprias teorias sobre quais *pramanas* eram meios válidos para o conhecimento e quais não eram confiáveis (e por quê). Um texto védico, *Taittirīya Āraṇyaka* (c. séculos IX a.C. e VI a.C.), lista "quatro meios de obter conhecimento correto": *smṛti* ("tradição" ou "escritura"), *pratyakṣa* ("percepção"), *aitihya* ("comunicação por alguém que é especialista" ou "tradição"), e *anumāna* ("raciocínio" ou "inferência").

Nas tradições indianas, os *pramanas* mais amplamente discutidos são: *Pratyakṣa* (percepção), *Anumāna* (inferência), *Upamāna* (comparação e analogia), *Arthāpatti* (postulação, derivação de circunstâncias), *Anupalabdi* (não percepção, prova negativa/cognitiva) e *Śabda* (palavra, testemunho de especialistas confiáveis do passado ou do presente). Embora a escola Nyaya (começando com os Sutas Nyāya de Gotama, entre os séculos VI a.C. e II a.C.) fosse uma defensora do realismo e apoiasse quatro *pramanas* (percepção, inferência, comparação/analogia e testemunho), os epistemólogos budistas (Dignaga e Dharmakirti) geralmente aceitavam apenas percepção e inferência. Embora a escola Nyaya (começando com os Sutas Nyāya de Gotama, entre os séculos VI a.C. e II a.C.) fosse uma defensora do realismo e apoiasse quatro *pramanas* (percepção, inferência, comparação/analogia e testemunho), os epistemólogos budistas (Dignaga e Dharmakirti) geralmente aceitavam apenas percepção e inferência. A escola Carvaka de materialistas aceitava apenas o *pramana* da percepção e, portanto, estava entre as primeiras empiristas das tradições indianas. Outra escola, a Ajñana, incluiu notáveis defensores do Ceticismo Filosófico.

A Teoria do Conhecimento do Buda, nos primeiros textos budistas, foi interpretada como uma forma de Pragmatismo, bem como uma forma de Teoria da Correspondência. Do mesmo modo, o filósofo budista Dharmakirti foi interpretado como sustentando uma forma de Pragmatismo ou Teoria da Correspondência por causa de sua visão de que o que é verdadeiro é o que tem poder efetivo (*arthakriya*). Enquanto isso, a Teoria da Vacuidade (*shunyata*) da escola budista Madhyamika foi interpretada como uma forma de Ceticismo Filosófico.

A principal contribuição dos jainistas para a epistemologia foi sua teoria de "muitos lados" ou "multiperspectivismo" (*Anekantavada*) que diz que, uma vez que o mundo é multifacetado, qualquer ponto de vista único é limitado (*naya* – um ponto de vista parcial). Isso foi interpretado como uma espécie de pluralismo ou perspectivismo. De acordo com a Epistemologia Jainista, nenhum dos *pramanas* proporciona conhecimento absoluto ou perfeito, já que cada um é um ponto de vista limitado.

12. Como categorizamos a Teoria Integral?

Considerando todas essas diferentes escolas conflitantes, como podemos "categorizar" a Epistemologia Integral usando esses termos clássicos? É uma forma de Idealismo? Emergentismo? Monismo? Dualismo? Pluralismo? Ou rompe totalmente com essas categorias?